

Dinâmicas de Crescimento Empresarial e de Criação de Emprego

Rita Monteiro e Manuela Paixão¹

A presente análise tem como finalidade a divulgação de uma recente publicação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) intitulada “*The Dynamics of Employment Growth: New Evidence from 18 Countries*”² e proceder à apresentação dos resultados relativos a Portugal que integram a base de dados que suporta essa publicação³.

Este estudo da OCDE insere-se num projeto mais vasto de recolha, análise e disponibilização de informação, que pretende dar a conhecer alguns dos aspetos determinantes para as dinâmicas de criação de emprego e que visa contribuir com elementos para o apoio à conceção e fundamentação de medidas de política que sejam promotoras do crescimento e do emprego.

Este projeto, designado por “DynEmp” (*Dynamics of Employment*), vem no seguimento de um estudo que foi publicado em 2010 intitulado “*Growth Dynamics - Exploring business growth and contraction in Europe and the US*”⁴ e que foi desenvolvido por um centro de investigação do Reino Unido (NESTA). Refira-se que, para a realização do estudo de 2010, a equipa de investigação do NESTA deu início a um significativo processo de recolha de informação sobre empresas, dando origem à criação de uma importante base de dados com observações relativas a um total de 6 milhões de empresas e mais de 125 milhões de trabalhadores, pertencentes a 11 países: Áustria, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Itália, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos da América. Essa base de dados cobria, inicialmente, o período entre 2002 e 2005, mas alguns países continuaram a fornecer informação permitindo a sua atualização após a publicação do estudo. Essa informação foi, agora, integrada no projeto DynEmp, o que constitui um dos eventuais fatores explicativos para que, para Portugal, apenas se encontrem disponíveis dados para um período temporal mais recente (2006-2011).

Refira-se, porém, que as comparações entre países resultantes da análise da base de dados DynEmp devem ser efetuadas com alguma cautela. Tal como se alerta na publicação mais recente, apesar do esforço que foi feito em termos de harmonização da informação estatística, algumas diferenças ainda persistem, nomeadamente, na forma como, a nível nacional, as fontes administrativas procedem à identificação de determinados eventos do ciclo de vida das empresas (como o nascimento ou a morte). Há, também, que ter algum cuidado com a comparação das médias que são apresentadas para cada país, pelo facto da abrangência temporal não ser igual para todos os países que integram atualmente este projeto.

Apesar destas limitações, a informação recolhida permite, desde já, obter um conjunto de informação muito relevante sobre a vida das empresas, tal como o peso que as empresas mais jovens têm ao nível da criação de emprego, o potencial de crescimento destas empresas, o impacto que a crise financeira está a ter sobre as dinâmicas empresariais e a identificação do tipo de empresas que foram mais afetadas pela crise.

Empresas de Pequena Dimensão Não São Necessariamente Empresas Novas

O peso que as empresas de pequena dimensão detêm no tecido empresarial é bastante significativo um pouco por todo o mundo. Entre os 18 países que atualmente participam no projeto DynEmp⁵, o peso das micro e pequenas empresas (empresas com menos de 50 trabalhadores) excede, em todos os casos, 95% do número total de empresas. Em termos de emprego, as empresas de pequena dimensão representam entre 30% (Estados Unidos) a 63,5% (Itália) do volume total de emprego. Para Portugal, os dados do DynEmp apontam para um peso das micro e pequenas empresas correspondente a 97% das empresas e a 53% do emprego. Refira-se que, devido a questões metodológicas, estes valores podem diferir das estatísticas oficiais.

¹ Direção de Serviços de Análise Económica, GEE Min-Economia. As opiniões expressas não coincidem necessariamente com a posição do ME.

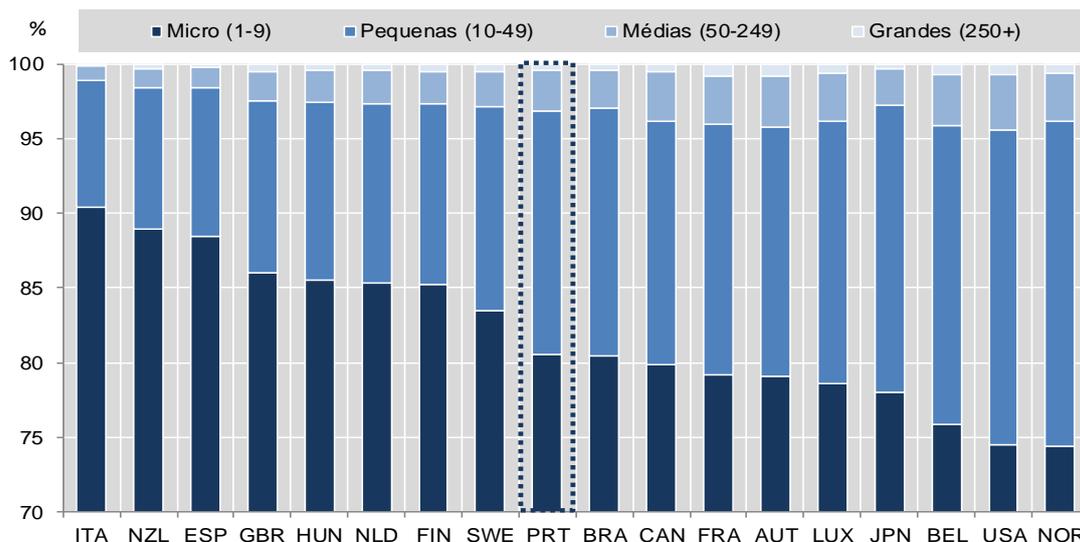
² Criscuolo, C., P. N. Gal and C. Menon (2014), “The Dynamics of Employment Growth: New Evidence from 18 Countries”, OECD Science, Technology and Industry Policy Papers, No. 14, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/5jz417hj6hg6-en>

³ Base de dados DynEmp Express, acessível em <http://www.oecd.org/sti/dynemp.htm>

⁴ Bravo-Biosca, A. (2010), “Growth Dynamics - Exploring business growth and contraction in Europe and the US”, NESTA and FORA. http://www.nesta.org.uk/sites/default/files/growth_dynamics.pdf

⁵ Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Reino Unido e Suécia.

Percentagem de empresas por classe de dimensão



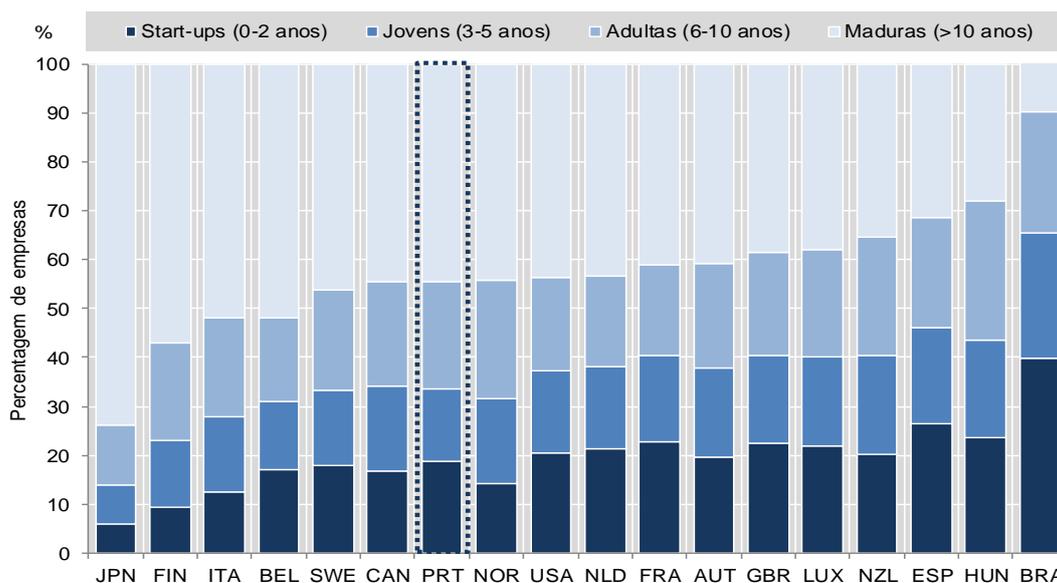
Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Cobertura sectorial: indústria transformadora, construção e empresas de serviços não financeiros. Para o Japão os dados são relativos a estabelecimentos e para os restantes países as empresas.

A desproporção que se verifica entre pequenas e grandes empresas pode, contudo, refletir fenómenos de natureza muito distinta, tais como a presença de um número muito significativo de *start-ups* que, por norma, têm pequena dimensão, ou a persistência de um número muito significativo de empresas adultas que não têm potencial de crescimento.

Para aferir esta questão o DynEmp analisou o perfil etário de micro e pequenas concluindo que este é bastante diferenciado entre as 18 economias analisadas. Olhando para os casos extremos, as micro e pequenas empresas são predominantemente jovens no Brasil e são maioritariamente velhas (mais de 10 anos) no Japão. Refira-se que o peso destas empresas é semelhante em ambas as economias (as micro e pequenas empresas representam 97,1% do total das empresas no Brasil e 97,2% no Japão).

Importa ainda ter presente que o Brasil é a única economia emergente que integra este estudo e que é também o único país, de entre os analisados, em que mais de metade das empresas de pequena dimensão tem 5 ou menos anos de idade. Por contraponto, no Japão as empresas até 5 anos não chegam a representar 15% do total das empresas com menos de 50 trabalhadores.

Estrutura etária das empresas de micro e pequena dimensão (até 50 trabalhadores)

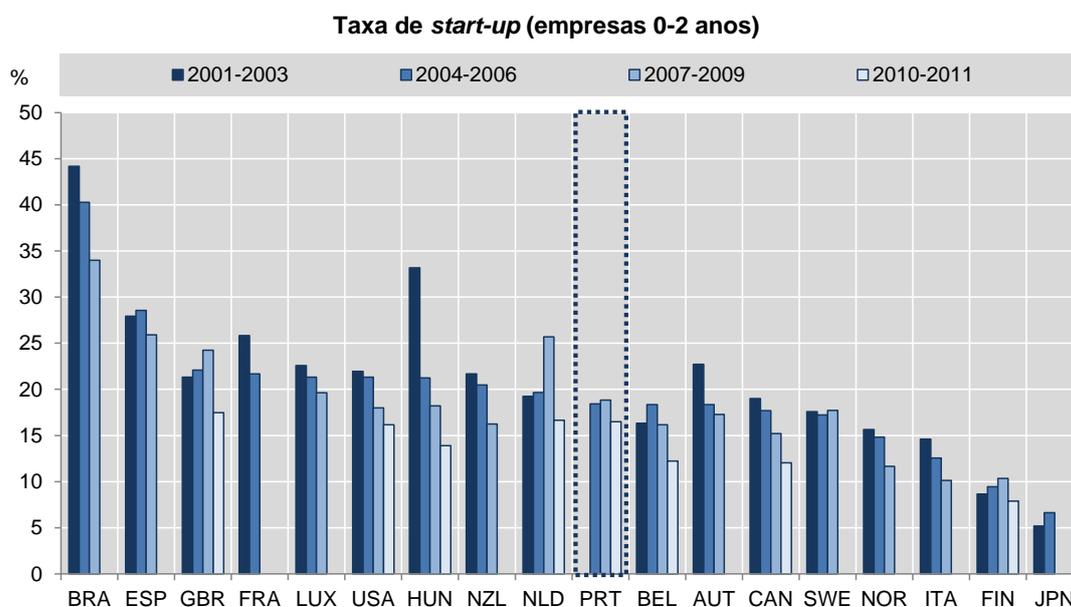


Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal.

Em Portugal, apenas cerca de um terço das micro e pequenas empresas são jovens (até 5 anos) e cerca de 45% destas empresas têm mais de 10 anos. Refira-se que o perfil etário das micro e pequenas empresas portuguesas é bastante semelhante ao de países como a Suécia, o Canadá ou a Noruega e que também não difere significativamente da estrutura existente nos Estados Unidos.

De entre as empresas jovens, refira-se o caso específico das *start-ups*, que muitas vezes servem de indicador da dinâmica associada à capacidade de empreendedorismo das economias. Os dados do DynEmp revelam que o peso das *start-ups* (empresas entre os 0 e os 2 anos de idade) no total das micro e pequenas empresas é particularmente relevante em economias como o Brasil (39,8% das micro e pequenas empresas são *start-ups*), Espanha (26,3%), França (22,8%) ou Reino Unido (22,4%). Por oposição, o peso destas empresas face ao total das empresas de pequena dimensão é muito reduzido em países como a Itália (12,5%), Finlândia (9,4%) ou Japão (5,9%). Em Portugal, as *start-ups* representam cerca de 19% das micro e pequenas empresas (nos E.U.A., o seu peso é de 20,5%).

A análise temporal apresentada pelo DynEmp permite ainda evidenciar que, para a maioria dos países analisados, o peso das *start-ups* tem vindo progressivamente a diminuir, tendo esta tendência sido iniciada mesmo antes do início da crise. A este nível, o comportamento de Portugal diferencia-se ligeiramente da maioria dos países, tendo-se registado no nosso país um ligeiro acréscimo no peso das *start-ups* entre o triénio 2004-06 e o triénio 2007-09, seguido de um decréscimo no período mais recente de 2010-11.



Nota: O gráfico representa os valores médios relativos ao triénio indicado, atendendo aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal.

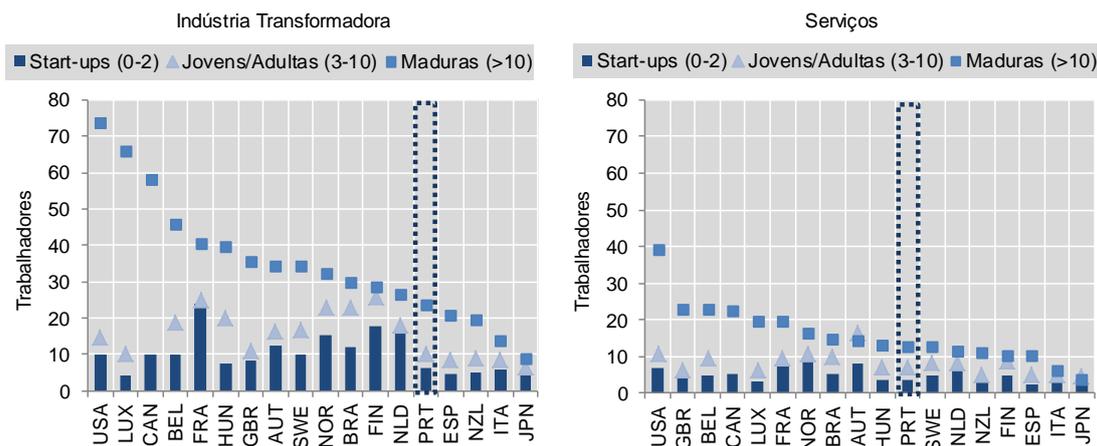
Potencial de Crescimento das Microempresas Europeias Muito Inferior ao dos EUA

O DynEmp apresenta ainda informação relativa ao potencial de crescimento das empresas, através de uma análise indireta que compara a dimensão média das *start-ups* com a dimensão média das empresas mais velhas. Os resultados alcançados apontam para o facto de não existirem diferenças muito significativas entre os 18 países relativamente ao número médio de trabalhadores com que as empresas iniciam a sua atividade, embora se possa destacar a maior dimensão média das empresas que entram nos mercados da França, Áustria, Noruega, Finlândia ou Holanda.

Para Portugal, os dados do DynEmp indicam que as empresas da indústria transformadora têm, durante os primeiros 2 anos de vida, uma média de 6 trabalhadores e as empresas dos serviços cerca de 4. De entre os 18 países analisados, Portugal é o 6.º país que apresenta a menor dimensão média das *start-ups*, tanto no caso da indústria transformadora como no caso dos serviços mas, ainda assim, superior a países europeus como a Espanha, Itália ou Luxemburgo.

Para o caso português refira-se, ainda, que entre os 3 e os 10 anos de idade, as empresas da indústria transformadora são, em média, 60% maiores do que na fase de *start-up* e que, quando atingem mais de 10 anos, a sua dimensão tende a ser 4 vezes superior à da fase inicial do ciclo de vida. No caso dos serviços, o potencial de crescimento tende a ser mais rápido, com as empresas entre os 3 e 10 anos de idade a apresentarem uma dimensão média cerca de duas vezes superior à da fase de *start-up*.

Dimensão média das empresas por escalão etário e sector de atividade



Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal.

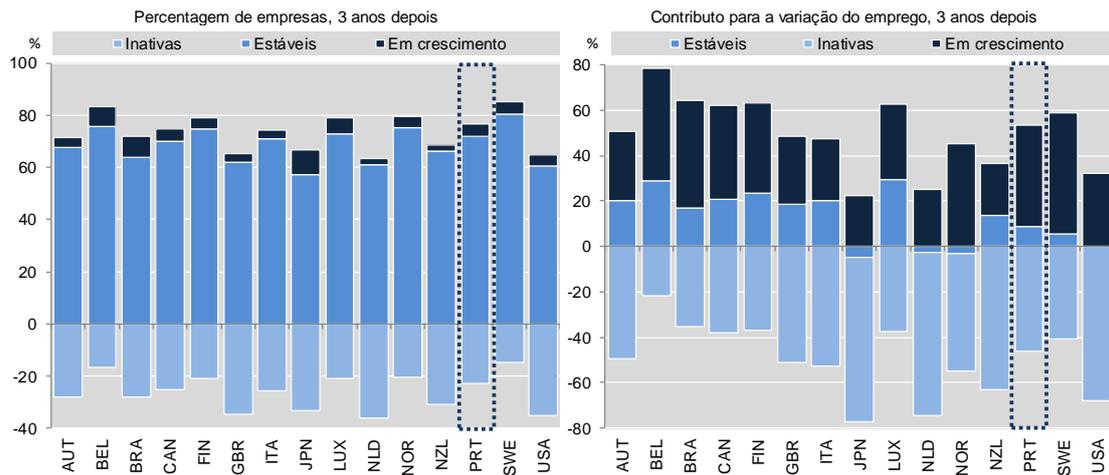
Por último, refira-se que o potencial de crescimento das empresas dos Estados Unidos se destaca, claramente, entre os demais países. Nos E.U.A., a dimensão média das empresas mais velhas é de cerca de 75 trabalhadores no sector transformador e de cerca de 40 nos serviços. O potencial de crescimento das empresas na economia americana é tanto mais surpreendente caso se considere que as empresas nascem com uma dimensão muito menor ou igual do que em outros países, como a França.

Baixa Probabilidade das Microempresas Mudarem de Classe Dimensional

Nesta fase do projeto, o DynEmp disponibiliza ainda dados de painel que permitem acompanhar a evolução das empresas por um período de 3 anos consecutivos. Essa informação encontra-se disponível para os triénios iniciados em 2001, 2004 e 2007, desagregada para diferentes classes dimensionais. Uma vez que, para Portugal, apenas existem dados a partir de 2006, apresenta-se apenas a informação relativa a esse último triénio.

Considerando, assim, o triénio 2007-09 e tomando por enfoque a dinâmica de crescimento das micro *start-ups* (empresas com 1 a 9 trabalhadores e com idade entre os 0 e os 2 anos) os resultados do DynEmp revelam que são muito poucas, apenas entre 3% a 9%, as micro *start-ups* que conseguem passar de microempresa para empresa de maior dimensão e que a percentagem de empresas que morrem (ou se tornam temporariamente inativas) ao longo dos primeiros 3 anos de vida varia significativamente de país para país (de cerca de 15% na Suécia, a mais de 36% na Holanda). Para Portugal, os dados revelam que a maioria das microempresas (72,1%) se manteve na mesma classe dimensional, tendo 4,8% conseguido aumentar o seu volume de emprego para 10 ou mais trabalhadores e 23,1% tendo transitado para a inatividade.

Dinâmica de crescimento das micro *start-ups* no triénio 2007-2009



Nota: Os dados do Japão e Nova Zelândia reportam ao triénio 2006-2008. Dados não disponíveis para França e Hungria. Empresas estáveis pertencem à mesma classe dimensional (0-9) no fim do período de 3 anos; empresas em crescimento pertencem a uma classe dimensional superior no fim do período de 3 anos; empresas inativas não reportam informação sobre emprego no fim do período de 3 anos, ou porque estão temporariamente inativas ou porque saíram permanentemente do mercado.

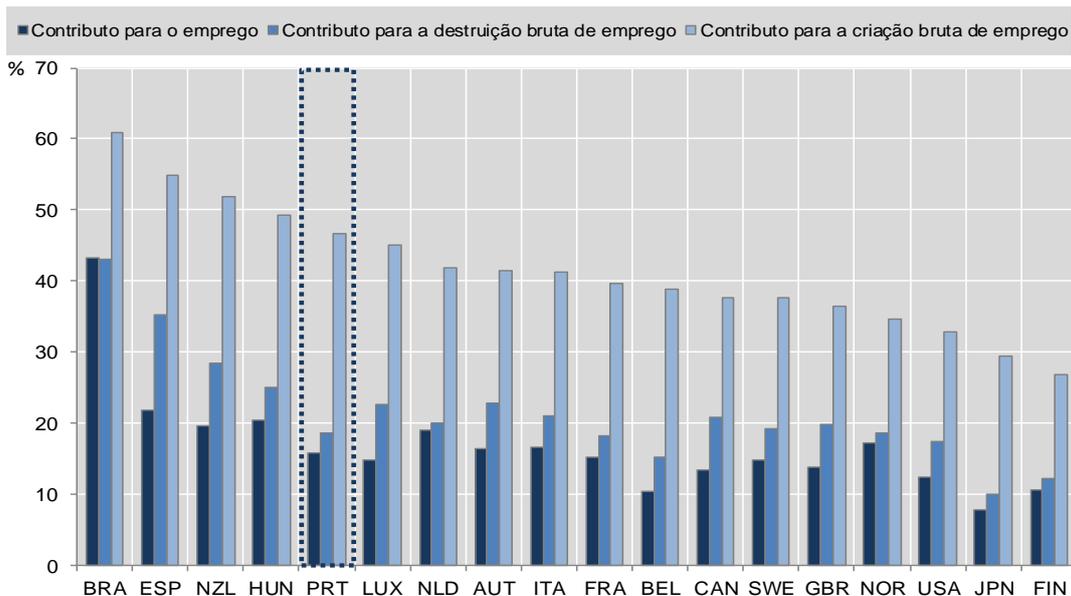
No que diz respeito ao contributo para a variação do emprego ocorrida ao longo dos 3 anos, na maioria dos países (com exceção para o Japão, Holanda e Noruega) as *start-ups* que se mantiveram como microempresas geraram, ainda assim, um volume significativo de emprego. Para Portugal, os dados do DynEmp indicam que as micro *start-ups* que não cresceram acima dos 10 postos de trabalho contribuíram em 9% para a variação do emprego registada entre 2007-09, sendo que as empresas que mudaram de escalão dimensional contribuíram para, aproximadamente, 45% da variação do emprego. Nesse triénio 46% do emprego inicialmente criado por estas *start-ups* foi destruído por empresas que, entretanto, se tornaram inativas.

Peso Determinante das PME Jovens para a Criação de Emprego

Os dados do DynEmp revelam ainda que as PME jovens (empresas de 1-249 trabalhadores, com idade entre 1-5 anos) contribuem em todos os países, desproporcionalmente, para a criação bruta de emprego. De facto, representando estas empresas entre 8% (Japão) a 43% (Brasil) do volume total de emprego, o seu contributo para a criação bruta de emprego registada em todo o período de observação do DynEmp variou entre os 27% (Finlândia) e 61% (Brasil). Registe-se, ainda, que esta desproporção não é tão acentuada no que se refere à destruição bruta de emprego, sendo que o contributo das PME jovens oscila entre 10% (Japão) a 43% (Brasil).

Em Portugal, no período entre 2006-11, os dados do DynEmp revelam que as PME jovens, tendo um peso médio no total do emprego de 15,8%, contribuíram para 18,7% da destruição bruta de emprego registada nesse período e para 46,6% da criação bruta de emprego.

Contributo das PME jovens para o emprego total, criação e destruição bruta de emprego



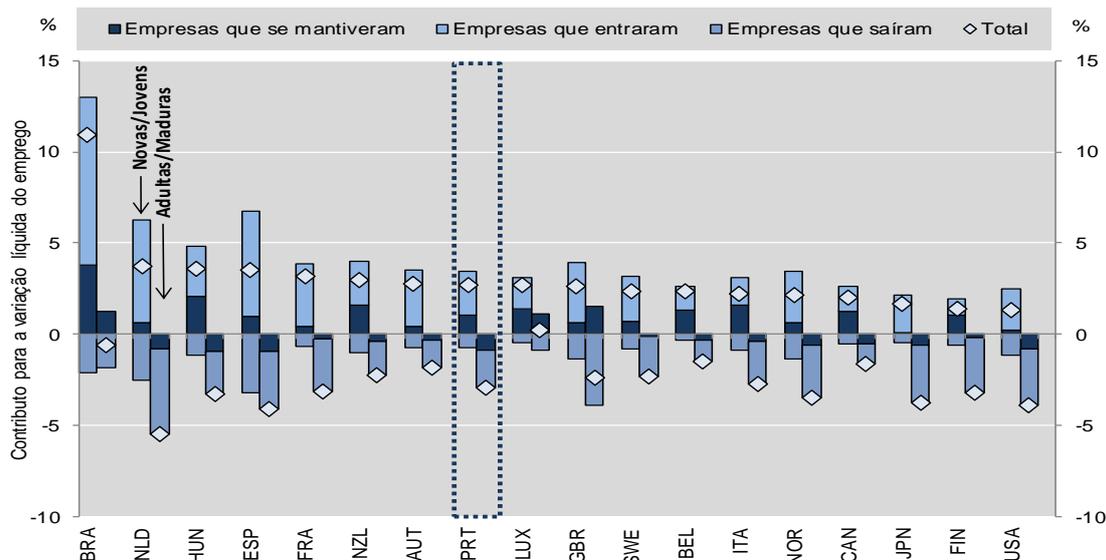
Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal.

Com o objetivo de apreender o papel da criação de empresas na elevada desproporção que as empresas jovens detêm no crescimento do emprego, no gráfico seguinte diferencia-se o contributo das empresas mais novas e das empresas mais velhas (na primeira e segunda coluna apresentada para cada país, respetivamente) para a variação agregada do emprego ao longo de todo o período de observação do DynEmp, diferenciando-se ainda as situações de entrada, de saída de permanência das empresas.

A este nível, os dados do DynEmp revelam que é o momento correspondente ao nascimento das empresas que mais contribuiu para a criação de emprego em todas as economias observadas, com exceção apenas para a Itália e Finlândia (países onde o contributo para o crescimento do emprego das empresas jovens incumbentes superou ligeiramente o contributo das novas empresas).

Destaque-se, ainda, que o contributo para a criação líquida de emprego das empresas adultas/maduras (empresas com mais de 5 anos) foi negativo em todas as economias observadas, com exceção apenas para o Luxemburgo. Para este grupo de empresas, o contributo das empresas latentes para a criação líquida de emprego apenas foi positivo em 3 países (Brasil, Luxemburgo e Reino Unido), sendo que entre estas empresas a destruição de emprego registada ao longo de todo o período de observação se fez, essencialmente, por via da saída das empresas e menos por via do reajustamento do seu volume de emprego.

Contributo para a variação líquida do emprego por fase do ciclo de vida



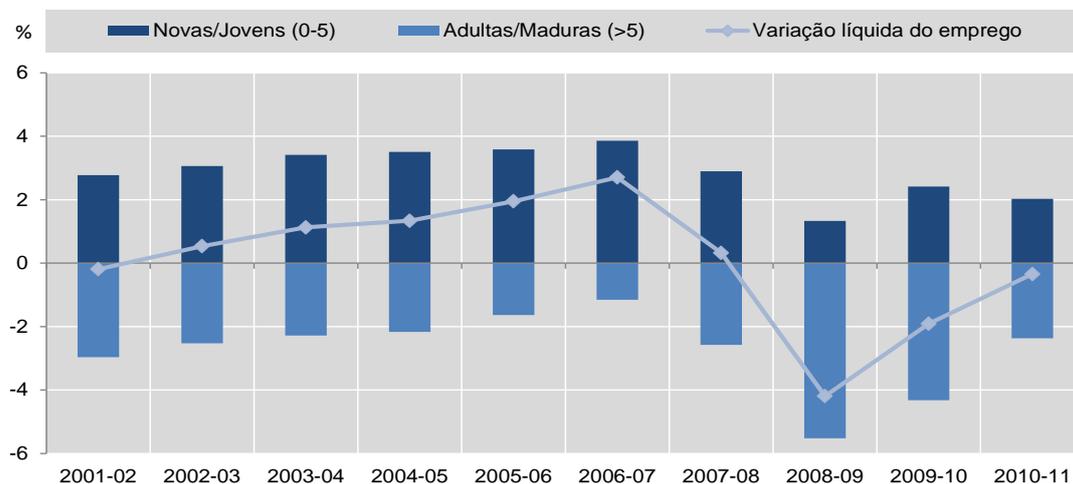
Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Os contributos são calculados como a criação líquida de emprego do grupo sobre o total do emprego.

Os Diferentes Impactos da Crise

Outra das questões que o projeto DynEmp procurou avaliar respeita à forma como a recente crise económica e financeira originou efeitos diferenciados consoante a idade e a dimensão das empresas.

Para o conjunto das 18 economias analisadas, os resultados do DynEmp revelam claramente que, apesar da crise, as empresas mais novas mantiveram sempre um contributo positivo para a variação líquida do emprego.

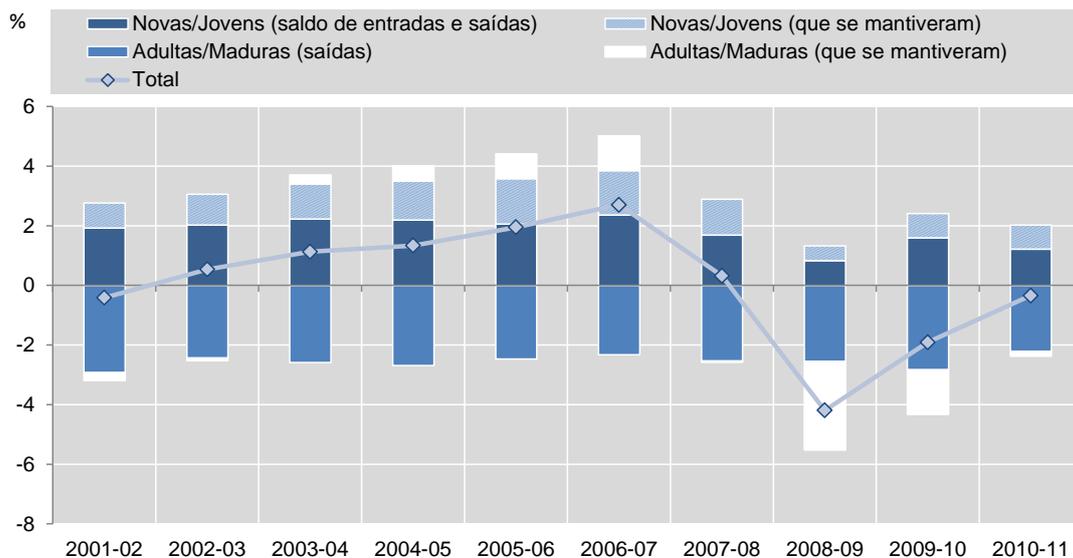
Contributo para a variação líquida do emprego por escalão etário (total das 18 economias)



Nota: O gráfico representa os valores médios para todos os países, atendendo aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Os contributos são calculados como a criação líquida de emprego do grupo sobre a média total do emprego.

Quando se tomam em consideração as diferentes fases do ciclo de vida das empresas, os dados agregados dos 18 países evidenciam ainda que, durante a crise, a criação de emprego por parte das empresas mais novas aconteceu não apenas por via da criação de novas empresas, mas também por via do crescimento das empresas sobreviventes. Para as empresas mais velhas, destaque-se que a crise implicou, essencialmente, um forte processo de ajustamento nos níveis de emprego (já que o contributo do encerramento destas empresas se manteve relativamente estável face aos valores apresentados antes da crise).

Contributo para a variação líquida do emprego por fase do ciclo de vida (total das 18 economias)



Nota: O gráfico representa os valores médios para todos os países, atendendo aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Os contributos são calculados como a criação líquida de emprego do grupo sobre a média total do emprego.

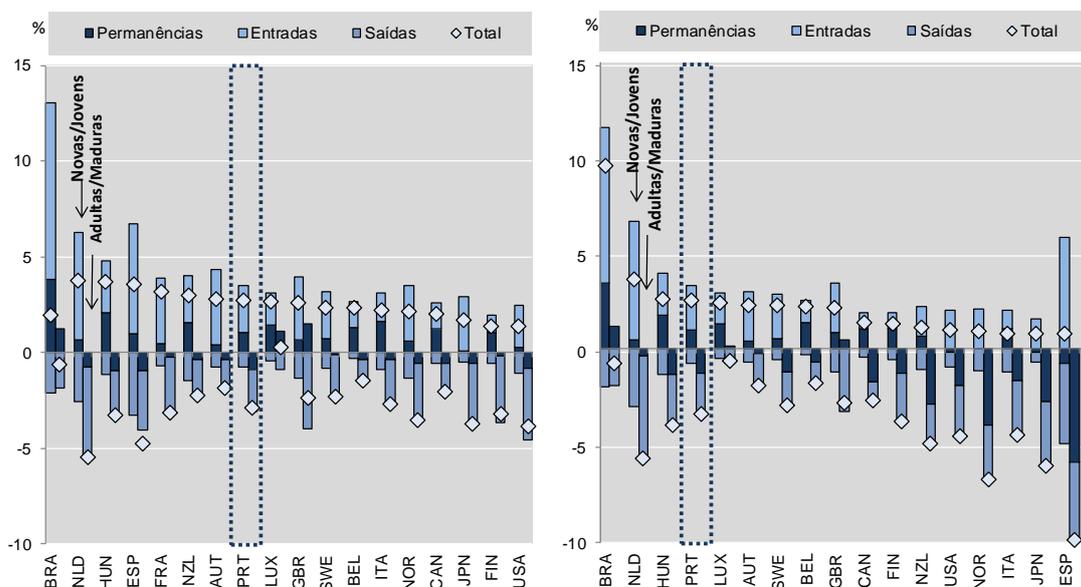
Para melhor compreender as mudanças ao nível dos movimentos de entradas, saídas, expansão e contração do emprego registadas entre as empresas mais novas e mais velhas, antes e durante a crise, a figura seguinte apresenta informação desagregada para os 18 países que integram o DynEmp. Para o período antes da crise considera-se a informação relativa a 2001-02 e 2006-07 e para o período durante a crise os dados relativos a 2007-08 e 2009-10.

Da leitura dessa informação revela-se, também para Portugal, o impacto negativo que a crise teve sobre a redução das margens de expansão das empresas mais novas e a maior contração do emprego entre as empresas mais velhas.

Contributo para a variação líquida do emprego antes e durante a crise

Antes da crise (2001-2007)

Durante a crise (2007-2010)



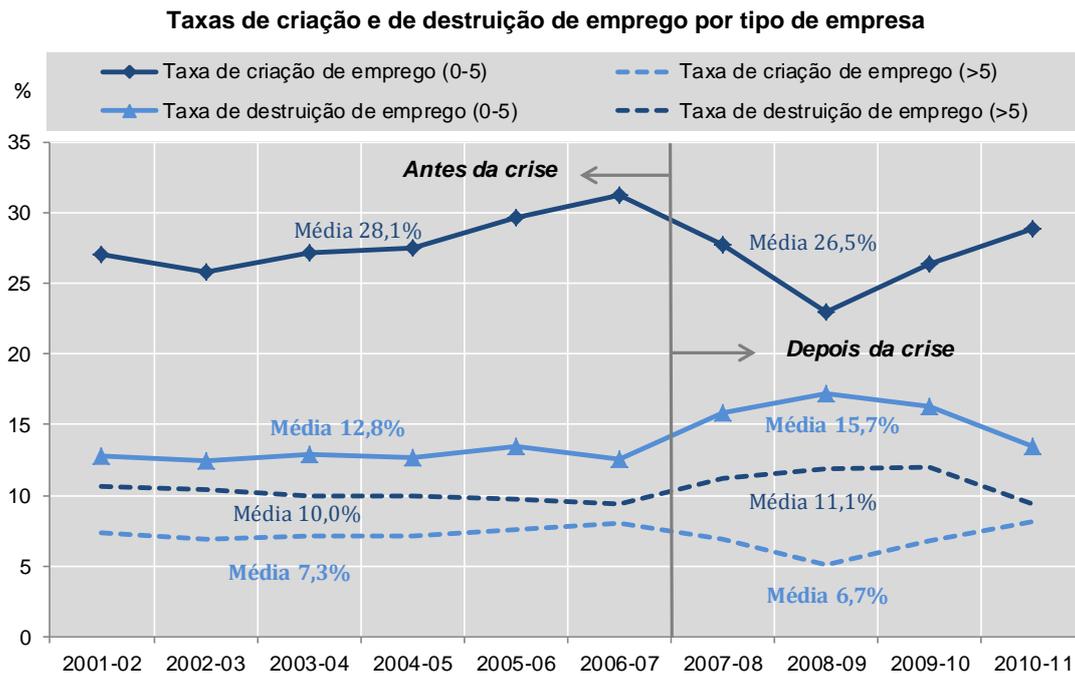
Nota: O gráfico representa os valores médios relativos aos anos disponíveis para cada país nos dois períodos indicados: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Os contributos são calculados como a criação líquida de emprego do grupo sobre a média total do emprego.

Recentrando a análise dos contributos agregados para a dinâmica de emprego (tal como visto até aqui, e que dependem significativamente do peso que os grupos têm em termos de emprego) para as dinâmicas registadas dentro dos próprios grupos de

empresas, os dados do DynEmp revelam ainda uma conclusão importante: as empresas mais novas foram as mais afetadas pela crise.

Considerando as taxas de criação e de destruição de emprego das empresas novas/jovens (0-5 anos) e das empresas adultas/maduras (> 5 anos), isto é, a criação e destruição de emprego de cada um desses grupos de empresas tendo por referência o volume de emprego para esse mesmo grupo, verifica-se que tanto a quebra na taxa e criação de emprego como o aumento da taxa de destruição de emprego foram mais acentuadas entre as empresas mais novas do que entre as empresas mais velhas, confrontando a situação antes e depois da crise.

Considerando os valores médios dos períodos antes e depois da crise, a taxa de criação de emprego diminuiu 1,6 p.p. nas empresas novas/jovens (diminuição de 0,6 p.p. nas empresas adultas/maduras) e a taxa de destruição de emprego aumentou 2,9 p.p. (aumento de 1,1 p.p. nas empresas adultas/maduras).



Nota: O gráfico representa os valores médios para todos os países, atendendo aos anos disponíveis para cada país: 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Os contributos são calculados como a criação líquida de emprego do grupo sobre a média total do emprego.

Conclusões

Este projeto fornece, desde já, um conjunto significativo de resultados. Em primeiro lugar, as empresas mais jovens (idade até 5 anos) contribuem positivamente para a criação agregada de emprego em praticamente todos os países e em todos os períodos observados, ou seja, mesmo em contextos de acentuada recessão. Esta dinâmica observada entre as empresas mais jovens deriva quer do fenómeno de entrada (criação de novas empresas), quer da expansão do emprego por parte das empresas sobreviventes.

Em segundo lugar, e este pode constituir um motivo de preocupação para os decisores políticos, tem-se vindo a registar (mesmo antes da eclosão desta última crise) uma tendência continuada para a diminuição das taxas de *start-up*. Esta questão é tão mais problemática entre as diversas economias quanto maior for o contributo das *start-up* para a criação de emprego, dado que a capacidade de expansão das empresas mais velhas demonstra ser relativamente limitada nas economias do espaço europeu.

Em terceiro lugar, no que se refere aos impactos da crise, as evidências apontam para que as empresas mais jovens tenham sido relativamente mais afetadas pela crise, muito embora tenham sido os fenómenos de *downsizing* das empresas adultas e/ou maduras os principais causadores do volume de emprego destruído.